



AÇÕES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM OURO PRETO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Simone Monteiro Silvestre Fernandes*

Resumo: Este artigo apresenta parte das considerações levantadas pela autora no desenvolvimento de sua dissertação de mestrado do “Programa de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN - PEP/MP”, cujo estudo teve como foco suas inquietações e observações como historiadora, atuando na área educativa do Escritório Técnico de Ouro Preto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através da Casa do Patrimônio de Ouro Preto. O “Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania” foi uma das atividades desenvolvidas e objeto desta discussão. Este programa foi pensado para melhorar a relação entre o cidadão e o órgão federal preservacionista, a cidade e sua preservação. Para análise crítica das atividades realizadas pela Casa do Patrimônio, também foram levantadas questões sobre ações educativas da década de 1980, desenvolvidas em Ouro Preto.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Educação. Conjuntos urbanos tombados. Ouro Preto.

Abstract: This article presents part of the considerations gathered by the author in the development of her master's dissertation in the “Programa de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN - PEP/MP” (IPHAN Professional Master's Program in Preservation of Cultural Heritage), whose study focused on her concerns and observations as a historian, working in the Ouro Preto's Technical Office of the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (National Historical and Artistic Heritage Institute), through the Heritage House of Ouro Preto. The “Urban Senses Program: heritage and citizenship” was one of the activities developed and purpose of this discussion. This program was intended to improve the relationship between the citizens and the preservationist federal agency, the city and its preservation. The critical analysis of the activities conducted by the Heritage House of Ouro Preto, as well as the information gathered about the actions developed in the 1980's, in Ouro Preto.

Keywords: Cultural Heritage. Education. Protected Urban Sites. Ouro Preto.

*Escritório Técnico de Ouro Preto/Superintendência de Minas Gerais/IPHAN, Ouro Preto, MG, Brasil.

Historiadora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Mestre do Programa em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN - PEP/MP

E-mail: simone.13sr@iphan.gov.br

1. Introdução

Foi o lançamento do *Guia Básico de Educação Patrimonial*¹, em 1996, que inaugurou um novo lugar da educação na política preservacionista nacional. Deixou-se de falar em educação no IPHAN² para defender, então, a necessidade de haver e praticar uma educação patrimonial, marcando o início de um processo de institucionalização da educação, que só veio a se consolidar na década de 2000, com a criação de setores administrativos voltados a esse tema na sua estrutura central. (SIVIERO, 2014).

Antes da década de 2000, o IPHAN não possuía, em sua estrutura, um setor responsável pela educação patrimonial. A educação esteve presente desde o início da política preservacionista federal, utilizada recorrentemente em discursos e praticada como uma ferramenta para aproximar a população do patrimônio cultural reconhecido pelo Estado, através de ações que buscavam conscientizar, ou melhor, convencer sobre a importância dos bens culturais nacionais, que deveriam ser preservados por todos. Nesse caso, a ideia era trabalhar com ações de caráter informativo, nas quais as atividades seriam realizadas como transmissão de informações, aos moldes de uma concepção bancária de educação³. Foi através da Gerência de Educação e Projetos, que se iniciou um amplo e compartilhado processo de discussões sobre educação patrimonial. Encontros e reuniões foram promovidos para esse fim, do qual destacamos o I Encontro Nacional de Educação Patrimonial⁴ (OLIVEIRA, 2011).

¹ De autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro, o *Guia Básico de Educação Patrimonial* foi publicado em 1996.

² A partir desse momento adotaremos a nomenclatura IPHAN para nos referirmos a todos os momentos de atuação deste Instituto.

³ Segundo Paulo Freire, a visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 2005, p. 67).

⁴ O I Encontro Nacional de Educação Patrimonial foi realizado na cidade de São Cristóvão/SE, no período de 12 a 17 de setembro de 2005.



2. Ouro Preto e as ações de educação patrimonial

Na década de 1980, durante o curto período de atuação de Aloísio Magalhães (1979-1982) à frente do IPHAN, a adoção dos conceitos de bem cultural⁵ e referência cultural⁶ auxiliaram na implementação de novas práticas institucionais. De forma efetiva, em Ouro Preto, esse novo discurso começou a ser experimentado, em 1979, a partir do Seminário Ouro Preto. Isso ocorreu através da realização de projetos de recuperação e revitalização do seu conjunto urbano tombado, e de ações educativas, como o Programa Cultural de Ouro Preto.

Neste programa, realizado entre 1979 a 1981 o diálogo foi a palavra-chave dessa nova forma de percepção, traduzida por um processo de trocas entre o Estado e a comunidade que convivem com o bem cultural em seu contexto. Agiram sobre a cultura através da educação, dando voz aos grupos sociais, acreditando no empoderamento desses a partir de sua participação e organização, incluindo-os na pauta de discussões sobre a preservação da cidade. Ao considerarem o patrimônio cultural ouropretano por um viés cultural, e pensando no papel das referências culturais e no desenvolvimento sócio econômico local, deixaram de considerá-lo somente como um objeto de contemplação e afirmação da identidade nacional para ser fonte/recurso de desenvolvimento local, afirmação e valorização da diversidade sócio cultural existente. Essa transformação conceitual implicava, portanto, em uma mudança de atitude e postura institucional e requeria a criação de canais e instrumentos de diálogo internos e externos. Como não ocorreu nenhuma mudança por parte da Instituição, em dezembro de 1981, houve uma ruptura/interrupção do programa.

⁵ Definir bem cultural, para Aloísio Magalhães, “implica por princípio numa anti-definição, dada a multiplicidade das manifestações que emergem das estruturas sociais formadoras da civilização brasileira. [...] Chegaríamos a tantos conceitos de bem cultural quantas fossem as situações específicas geradoras de cultura. Cultura entendida aqui como o processo global que não separa as condições do meio ambiente daquelas do fazer do homem. Que não privilegia o produto – habitação, templo, artefato, dança, canto, palavra - em detrimento das condições do espaço ecológico em que tal produto se encontra densamente inserido” (RICUPERO, 1981, p. 10).

⁶ Quando se fala em “referências culturais”, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens – que, em geral, se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu peso material e simbólico – para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados. Levada às últimas consequências, essa perspectiva afirma a relatividade de qualquer processo de atribuição de valor – seja valor histórico, artístico, nacional, etc. (FONSECA, 2006, p. 83).

As experiências do Programa Cultural de Ouro Preto, foram referência para a implantação, do Projeto Interação entre a Educação Básica e os contextos culturais específicos⁷. Realizado entre o final de 1981 a 1986, pretendia estabelecer as relações de mediação entre a educação e a cultura, e previa que “esse processo preservava e transformava, ao mesmo tempo, práticas, símbolos, valores e produtos operativos e materiais em uma (a educação) e na outra (a cultura)” (BRANDÃO, 1996, p. 45).

A interação tinha como proposta o apoio à criação e ao fortalecimento das condições necessárias para que o trabalho educacional se produzisse, referenciado pela dinâmica das culturas, reafirmando a pluralidade e a diversidade cultural brasileira. Entendiam que a escola não era o único agente de educação no contexto da comunidade, e que essa comunidade deveria ser convocada a participar, não apenas de um trabalho cultural, mas também do poder de decisão sobre o trabalho a ser realizado.

Todos os projetos realizados buscaram uma estreita ligação com as comunidades. Levaram a escola para fora de seus muros, dos seus prédios, em encontro com a família, com os parentes, os vizinhos, os companheiros que viviam no mesmo espaço e que compartilhavam os mesmos problemas. Essa relação trouxe para o processo, uma dimensão política e uma dimensão didático-pedagógica que, praticamente, se confundiram na prática (JEKER, 1985).

Após a implantação do Interação e pela experiência com as ações desenvolvidas pelo Programa Cultural de Ouro Preto, foi estruturado, em Ouro Preto, o Projeto Interação entre a Educação Básica e os contextos culturais específicos – Rede de Escolas Municipais do Município de Ouro Preto/MG, mas apesar do número de escolas envolvidas e dos recursos gastos para a sua realização, atualmente, não se identifica, na cidade, nenhum eco das ações desenvolvidas por esse projeto.

Após o término das ações do Projeto Interação Ouro Preto, em 1984, não tivemos conhecimento da realização de outra ação educativa promovida pelo Escritório Técnico de Ouro Preto⁸, ou com sua participação, até a década de 1990. Durante o

⁷A partir desse momento, passaremos a nos referir ao Projeto Interação entre a Educação Básica e os contextos culturais específicos como “Interação”.

⁸ O IPHAN não contava com escritório permanente na cidade até a assinatura do convênio IPHAN/UFOP/PMOP, em 1979. A Casa da Baronesa passou a sediar a equipe de Obras Urgentes, o Núcleo de Geologia e a equipe do Programa Cultural de Ouro Preto. Com o fim do convênio, passou a funcionar somente como escritório do IPHAN. Em 1983, e que foi designado um técnico responsável para o Escritório Técnico de Ouro Preto (SILVA, 2006).

período de 1993 a 1996, numa parceria com o Museu da Inconfidência, participamos do Projeto Museu-Escola⁹. Após esse período, a partir de 1996, em Ouro Preto, não conseguimos realizar nenhuma outra ação educativa, deixando clara a falta de apoio, a ausência de prioridade e/ou o (não) lugar da educação na instituição.

O Escritório Técnico de Ouro Preto, após a metade da década de 1990, continuou suas ações normativas e regulatórias fiscalizando e analisando as intervenções no conjunto urbano, notificando as obras irregulares, realizadas no perímetro urbano tombado, cumprindo exclusivamente seu papel legal de órgão federal de proteção do patrimônio cultural brasileiro. Essa atuação acirrou o embate entre o IPHAN e os proprietários dos imóveis, trazendo como consequência o aumento do desgaste da imagem da instituição junto à comunidade local.

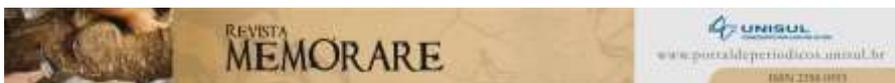
O conflito do IPHAN com a comunidade também foi identificado nos vários locais de atuação do órgão no Brasil. Nesses momentos de atrito, passamos a ouvir dos mais diversos lugares da instituição que a realização de ações de educação patrimonial seria a solução imediata para resolvermos essas questões entre as comunidades locais envolvidas e a preservação do patrimônio cultural. Só que, para a realização dessas ações, novas estratégias teriam que ser pensadas, tendo a comunidade como parceira para construir conjuntamente essas novas narrativas e o IPHAN como provocador, facilitador, mediador e criador de situações e ambientes de aprendizagem sobre o patrimônio (OLIVEIRA, 2011).

3. Casa do Patrimônio de Ouro Preto – o início

A partir de 2006, internamente, o IPHAN iniciou a construção de um novo marco conceitual, o conceito de Casa do Patrimônio. Partindo de uma ideia do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (DEPAM), que visava estruturar,

⁹Em 1981, foi inaugurado o setor educativo do Museu da Inconfidência, com a atividade educativa de interação entre o público e o acervo museológico que tinha a cidade como foco de desenvolvimento, apreendida através de seus diferentes espaços, saberes e fazeres. Para saber mais, ver: *Chão de pedras, céu de estrelas: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, década de 1980-* Nara Rúbia de Carvalho Cunha e *Ensinando a ser cidadão: memória nacional, história e poder no Museu da Inconfidência (1938-1990)* - Janice Pereira da Costa.

Durante o período de 1993 a 1996, o Projeto Museu – escola foi realizado de forma conjunta, com o Escritório Técnico de Ouro Preto e com a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto, contando com a participação de professores de Educação Básica das escolas da rede municipal de ensino, e com os alunos do Ensino Fundamental de 9 a 11 anos, encaminhados pela Secretaria Municipal de Educação.



gradativamente, as sedes das superintendências regionais e dos escritórios técnicos para funcionar como uma agência cultural local, preparada para atender a estudantes, pesquisadores, visitantes das áreas tombadas e à população em geral¹⁰ (OLIVEIRA, 2011).

Paralelo a essas discussões, o Escritório Técnico de Ouro Preto, em parceria com instituições locais promoveu, em 2007, o Curso *Elaboração de projetos para a Proteção e Promoção do Patrimônio Cultural*, compartilhado com a comunidade e com instituições voltadas à preservação do patrimônio cultural da cidade, onde formatamos o Projeto “Casa do Patrimônio – Conhecer, reconhecer e participar – formando um cidadão atuante na conservação e preservação do patrimônio cultural brasileiro”¹¹, buscando estabelecer novas formas de relacionamento entre o órgão, a sociedade civil e os poderes públicos em suas diferentes instâncias. O projeto tinha como principal objetivo transformar a Casa da Baronesa em um espaço da ação institucional e, principalmente, em um centro irradiador da condução das políticas de capacitação para a preservação do patrimônio cultural, promovendo maior interatividade e divulgação do trabalho do IPHAN com e para a sociedade.

Em 2008, através da Oficina para Capacitação em Educação Patrimonial e Fomento a Projetos Culturais nas Casas do Patrimônio, realizada em Pirenópolis/GO por iniciativa da Coordenação Geral de Promoção do Patrimônio Cultural (COGEPROM)/IPHAN, através da Gerência de Educação e Projetos, esse conceito foi melhor discutido e as diretrizes de funcionamento das casas, detalhadas. A partir desse momento, a educação patrimonial passou a ser formalizada no interior das políticas

¹⁰ Segundo o portal do IPHAN de 26 de outubro de 2006: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13423&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>.

¹¹ O Projeto Casa do Patrimônio – Conhecer, reconhecer e participar – formando um cidadão atuante na conservação e preservação do patrimônio cultural brasileiro foi estruturado com a participação do Escritório Técnico do IPHAN em Ouro Preto, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto (CEFET-OP), hoje Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), da Fundação de Arte de Ouro Preto – FAOP, unidade da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano (SMPDU) e da ADOP. Possuía os seguintes objetivos: implementar de ações educativas, em parceria com instituições locais, objetivando a difusão e preservação do patrimônio cultural, tendo como público-alvo os alunos da UFOP; estruturar um Banco de Memória Urbana, baseado na necessidade de informar e participar à comunidade e ao visitante a história da ação institucional do IPHAN na cidade de Ouro Preto; implantar o Circuito Expositivo Casa da Baronesa/Casa do Patrimônio; dotar a Casa do Patrimônio de espaço para a comercialização de publicações e objetos referenciais do patrimônio cultural ouropretano, mineiro e brasileiro; promover a valorização das comunidades, bem como sua capacitação e inserção tecnológica e digital.

empreendidas pelo IPHAN como um componente essencial de todo o processo de valorização e preservação do patrimônio e a Casa do Patrimônio, o local ideal para seu desenvolvimento.

Em Ouro Preto, obtivemos em 2008, a aprovação de recursos orçamentários do IPHAN para iniciar o projeto de implantação da Casa do Patrimônio. Para tal, duas ações que compunham o projeto da Casa do Patrimônio de Ouro Preto foram selecionadas: implementação de ações educativas, em parceria com instituições locais, objetivando a difusão e preservação do patrimônio cultural, tendo como público-alvo os alunos da UFOP; e implantação do Circuito Expositivo Casa da Baronesa/Casa do Patrimônio.

O Projeto *Circuito Expositivo da Casa da Baronesa/Casa do Patrimônio* teve o objetivo de montar e implantar, na sede do Escritório Técnico de Ouro Preto, uma exposição voltada para a divulgação das ações do IPHAN, sobre a história da evolução urbana de Ouro Preto, assim como sinalizar adequadamente e musealizar os objetos encontrados nas prospecções arqueológicas realizadas nos jardins da casa durante a obra de restauração da mesma. Essa etapa foi inaugurada em dezembro de 2009.

Para a implementação de ações educativas, em parceria com instituições locais e objetivando a difusão e preservação do patrimônio cultural, reativamos nossos contatos com a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) e a UFOP/Departamento de Turismo¹². As experiências trazidas por essas instituições nos auxiliaram na formatação do projeto *Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania*, que teve início em janeiro de 2009.

Essas ações iniciaram a abertura de um diálogo com a sociedade e o estabelecimento de novas formas de relacionamento, entre o órgão, a sociedade civil e os poderes públicos locais.

4. O Projeto Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania

¹² A FAOP havia elaborado o Projeto Conhecer com Sentido, selecionado pelo Edital do Programa Monumenta – Educação Patrimonial, o qual auxiliamos na elaboração do material de apoio do projeto, e a UFOP, através do Departamento de Turismo, estava oferecendo aos alunos universitários novatos, o Projeto de Extensão Universitária Sentidos Urbanos.

Iniciado em 2009, o Projeto Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania¹³ foi a primeira ação de educação patrimonial realizada pelo Escritório Técnico do IPHAN em Ouro Preto, onde foram utilizados recursos da instituição. A administração do projeto ficou sediada na Casa da Baronesa/Casa do Patrimônio de Ouro Preto e tinha como público-alvo os estudantes universitários e a comunidade ouropretana em geral. Esse público foi escolhido, pois identificamos uma ausência de ações educativas voltada para jovens universitários e pela série de obras irregulares, realizadas por esses estudantes, nos edifícios da UFOP, utilizados como república estudantil na cidade.

Por considerarmos necessária a resignificação das relações entre a comunidade local com os vários lugares que compõem o conjunto urbano tombado, optamos por trabalhar primeiramente, com o centro histórico, uma vez que, ao longo do curso universitário, a maioria desses estudantes estabelece uma ligação com as repúblicas que os acolhem, e não com a cidade¹⁴.

Os roteiros sensoriais cuja metodologia foi desenvolvida pelo Professor Juca Villaschi, da UFOP, foram as primeiras atividades oferecidas. A partir de pesquisas exploratórias de experiência espacial, os roteiros foram estruturados para percorrerem o centro histórico de Ouro Preto, permitindo aos participantes/moradores uma vivência diferenciada da habitual em relação a sua cidade. A metodologia de roteiros sensoriais interpretativos do patrimônio, foi estruturada na reflexividade inerente às trocas socioculturais, provocando a desconstrução da prática cotidiana dos deslocamentos automatizados pela cidade e requalificando o olhar anestesiado do morador na qualidade de sujeito dialógico (VILLASCHI *apud* FERNANDES, 2011).

¹³ Os objetivos do projeto, eram: aprofundar o conhecimento da comunidade ouro-pretana sobre sua cultura, arte e história; qualificar o diálogo entre as entidades envolvidas na promoção e proteção do patrimônio cultural de Ouro Preto e os cidadãos, através de um processo interativo e aquisitivo de comunicação-educação, para promoção de atitudes positivas para com o patrimônio e ampliação do nível de consciência/ compreensão da comunidade local para a necessidade de proteção de seu patrimônio; estruturar e oferecer roteiros diferenciados de visitação com ênfase na história e na espacialidade únicas de Ouro Preto, explorando as qualidades dos lugares, despertando a acuidade dos sentidos e instrumentalizando os cidadãos no exercício de guardiões de seu patrimônio; utilizar os recursos e acervos existentes nos núcleos da Fundação de Arte de Ouro Preto/FAOP: Núcleo de Arte, Núcleo de Conservação e Restauração e Núcleo de Oficinas; elaborar materiais de divulgação e orientações didático-pedagógicas, visando dar publicidade ao projeto e subsidiar as ações a serem desenvolvidas; organizar e publicar materiais de registros produzidos no decorrer das ações educativas, de forma a divulgar a metodologia desenvolvida e garantir a continuidade do processo (VILLASCHI *apud* FERNANDES, 2011).

¹⁴ Para saber mais sobre essa relação dos moradores das repúblicas estudantis de Ouro Preto com a cidade: MALTA, Eder. Identidades e práticas culturais juvenis: as repúblicas estudantis de Ouro Preto.

Esses roteiros, dirigidos ao uso dos sentidos, pretendiam que, ao serem explorados caminhos cotidianos, fossem aguçadas a consciência temporal e espacial e abertos os baús da memória afetiva, transformando espaços indiferenciados em lugares identitários, ampliando a percepção de ambiências diferenciadas, tecendo valores necessários à preservação do patrimônio cultural local. Durante o trajeto, informações sobre Ouro Preto eram repassadas aos participantes que, poderiam (re)construir as relações entre passado, presente e futuro, transformando suas atitudes em relação ao universo histórico-cultural que vivenciam.

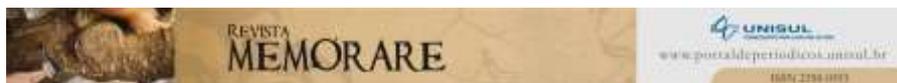
Com os roteiros e seus trajetos definidos, identificamos estratégias de acuidade e adensamento das experiências, que receberam o nome de Recursos Sensoriais: espelhos de bolso; protetores auriculares; apresentação de trechos de poemas e/ou crônicas que falam sobre a cidade nas mais diferentes épocas; fotografias antigas; *pop-card's* (criado e publicado pela FAOP) utilizados para pinçar recortes da paisagem observada, escolhidos para serem aplicados no decorrer do percurso, sendo utilizados de acordo com cada grupo atendido. Pretendíamos também que os baús da memória afetiva desse público fossem abertos, não só através de relação com o espaço urbano percorrido, mas pelas sensações provocadas com a utilização dos Recursos Sensoriais escolhidos.

Um projeto que atuava, principalmente, com jovens começou passamos a utilizar ferramentas de trabalho atuais. Construímos um blog¹⁵ e uma página no Orkut, atualizadas diariamente com postagem das fotos dos roteiros realizados. Com a desativação do Orkut, hoje temos também uma página no Facebook¹⁶, onde divulgamos todas as nossas atividades.

Através do nosso blog, iniciamos parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que identificou, no projeto, mecanismos adequados para auxiliar o trabalho que estava sendo desenvolvido junto aos funcionários e professores das escolas municipais, desde janeiro de 2009, o “Projeto de Avaliação e Intervenção das Queixas Escolares”. O principal objetivo nesse projeto era o cuidado com os seus educadores. Segundo a psicóloga da Secretaria, Claudia Itaborahy Ferraz, o foco dessa parceria se construiu em dois eixos, o da apropriação pelo morador de Ouro Preto do seu

¹⁵ Endereço do blog do Projeto Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania: <http://projetosentidosurbanos.blogspot.com.br/>

¹⁶ Endereço da página do Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania: <https://www.facebook.com/ProgramaSentidosUrbanos/>



patrimônio (a maioria dos educadores da cidade é nativo ou morador da cidade) e o do aproveitamento do roteiro como atividade para uma possível reflexão sobre questões do contexto escolar, relacionadas ao processo da educação com ênfase nos aspectos psicológicos, que permeiam este contexto. Os roteiros realizados tinham como função estabelecer, com os participantes, um espaço de discussão e reflexão com foco na educação e no papel/função que cada um exercia neste processo (ITABORAHY *apud* FERNANDES, 2011).

Os roteiros realizados foram obtidos, devido às ações de convencimento junto aos vários departamentos da UFOP, onde, apresentávamos o projeto e os nossos objetivos. A reverberação positiva dos resultados junto à comunidade escolar facilitou os contatos que foram sendo realizados *a posteriori*.

Durante a realização do I Seminário de Avaliação e Planejamento das Casas do Patrimônio, realizado entre 27 de novembro e 1º de dezembro de 2009, em Nova Olinda/CE, apresentamos os resultados do projeto no decorrer do ano. Já contávamos, nesse momento, com os novos parceiros, a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto e a Base Criativa/TV UFOP do Centro de Pesquisa e Produção Audiovisual – CPPA¹⁷, que participaram também do Seminário, que terminou com a elaboração da Carta de Nova Olinda¹⁸, marco conceitual das Casas do Patrimônio¹⁹.

Nesse primeiro ano da atuação, a Casa do Patrimônio de Ouro Preto não tinha ainda se transformado em um espaço de interlocução com a comunidade local, mas já promovia uma articulação institucional, o que possibilitou a realização desta ação educativa. Com a ampliação de possibilidades de ações que poderiam ser consideradas educação patrimonial e com a definição de Casas do Patrimônio difundida pela Carta de

¹⁷ Centro de Pesquisa e Produção Audiovisual – CPPA/UFOP, projeto de formação, pesquisa e estímulo à produção audiovisual, com o objetivo de fomentar essa produção a partir de processos coletivos, com a possibilidade de utilização do audiovisual como ferramenta para se trabalhar o tema educação patrimonial.

¹⁸ A Carta de Nova Olinda encontra-se disponível em meio eletrônico no portal do IPHAN e blog Educação patrimonial da Ceduc/IPHAN: http://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/cartaa5_09marco2010.pdf.

¹⁹ Segundo a Carta de Nova Olinda, Casas do Patrimônio são: “Um espaço de interlocução com a comunidade local, de articulação institucional e de promoção de ações educativas, visando fomentar e favorecer a construção do conhecimento e a participação social para o aperfeiçoamento da gestão, proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural” (CARTA DE NOVA OLINDA, 2009, p. 5).

Nova Olinda, novos caminhos se abriram para serem trilhados pelas ações da Casa do Patrimônio de Ouro Preto²⁰.

5. Agora, Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania

No início de 2010, com a ampliação de nossas parcerias, além da *UFOP – Departamento de Turismo e da FAOP*, passamos a contar com a colaboração da Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto e da Base Criativa /TV UFOP foi possível fazermos uma reflexão sobre o projeto, e começamos a redesenhar, com nossos parceiros os novos caminhos. Pelas novas parcerias estabelecidas e por seus desdobramentos, transformamos o projeto em programa, sendo o fio condutor das ações da Casa do Patrimônio de Ouro Preto, composto pelas seguintes ações:

1. Roteiros sensoriais;
2. *Circuito Expositivo Casa do Patrimônio* de Ouro Preto;
3. *Projeto “Eu também sou patrimônio”*;
4. *Base Criativa – Laboratório Patrimônio*.

Tínhamos definidas as duas primeiras ações: roteiros sensoriais e o *Circuito Expositivo Casa do Patrimônio*, ambas iniciadas em 2009. O *Circuito Expositivo Casa do Patrimônio* de Ouro Preto foi aberto ao público em julho de 2010 e em agosto de 2010, os roteiros sensoriais foram retomados. As outras duas ações: *Projeto “Eu também sou patrimônio”* e *“Base Criativa– Laboratório Patrimônio”* foram definidas pelo grupo após o reinício das atividades do programa, em 2010.

O *Projeto “Eu também sou patrimônio”* começou a ser desenhado em 2010, quando a Escola Municipal Professora Juventina Drummond²¹, após participar dos

²⁰Em 2009, a Gerência de Educação e Projetos foi transformada em Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC), passando a considerar a educação patrimonial como: ... tema de trabalho transversal e proposta política. No que se refere ao conceito, acredita que são oportunidades para discutir e construir a valorização e proteção do patrimônio cultural. Isso faz com que um amplo espectro de atividades seja considerado educação patrimonial. Da mesma forma, identifica possibilidade educativa em todas as ações (...) do IPHAN (OLIVEIRA, 2011, p. 28).

²¹ A partir desse momento, passaremos a nos referir a Escola Municipal Professora Juventina Drummond, como Juventina.

roteiros sensoriais realizados em 2009, solicitou a continuação dessa atividade. Definimos que, para esse trabalho, utilizaríamos as referências culturais identificadas nos bairros/distritos da cidade como recurso para o fortalecimento identitário de seus participantes.

As atividades foram iniciadas em maio de 2010, com uma reunião realizada com a comunidade escolar para apresentarmos o Programa e, principalmente, a ação “Eu também sou patrimônio”, que seria realizada na escola. Ao ouvirmos da comunidade o que esperavam com o desenvolvimento da ação, “vergonha” foi a palavra dita por vários moradores ao se referirem ao lugar onde moravam, ao fato de viverem em área ilegalmente construída, impregnada por todo o sentimento advindo dela, e o desejo de mudança desse sentimento, com relação ao bairro. Essa reação motivou, na hora, a escolha do nome da atividade que iniciariamos na escola: “Sou do Morro, eu também sou patrimônio”, projeto piloto da ação “*Eu também sou patrimônio*” da *Casa do Patrimônio de Ouro Preto*.

Se pensarmos em Ouro Preto através de uma dimensão simbólica, para esse grupo da comunidade foram estabelecidas relações diferenciadas, prescritas por significações e por codificações da vida que, mesmo possuindo uma base cultural comum, incorporam símbolos e regras diferentes. Trabalhar essa diferença seria o nosso norte. Por isso, iniciamos nossas atividades buscando a ampliação e qualificação do olhar desse morador, para que aprendessem a ler a cidade como um texto, como diz Bia Goulart:

Para ler a cidade e o seu potencial pedagógico, é preciso abrir os olhos e os demais sentidos, abandonando o papel de usuários da cidade – vitimizados, excluídos, condicionados e conformados –, incorporando noções de co-autoria na gramática urbana (GOULART *apud* SIVIEIRO, p. 27).

A primeira ação do projeto foi a Oficina de Roteiros Sensoriais²² para estruturamos um roteiro sensorial no Morro Santana, buscando entender melhor esse lugar e descobrindo os vários lugares que compõem Ouro Preto. Dela participaram os professores de ensino fundamental e alunos dos 7º e 9º ano do ensino fundamental. Ao estruturarmos esse roteiro, o pensamento complexo proposto por Edgar Morin apresentou-se como uma possibilidade à própria amplitude conceitual do patrimônio

²² Oficina ministrada pelos parceiros do Programa Sentidos Urbanos: Simone Monteiro Silvestre Fernandes (IPHAN), Prof. Juca Villaschi (UFOP) e a psicóloga da Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto, Cláudia Itaborahy Ferraz, utilizando a metodologia desenvolvida pelo Prof. Juca Villaschi.

cultural ouropretano, pois como num dos princípios do pensamento complexo: as partes integram o todo, mas não perdem suas características individuais (MORIN, 2006). O Morro Santana integra Ouro Preto, sem perder suas características individuais.

Realizamos a oficina durante o período de junho a setembro de 2010. Necessitávamos saber qual a imagem que os participantes tinham do Morro Santana e se ela seria a mesma que encontramos nos depoimentos dos participantes da reunião ocorrida na escola, quando a palavra “vergonha” foi a que traduziu o sentimento do grupo sobre esse lugar. Partindo da leitura de um poema de Cecília Meireles, “O que é que Ouro Preto tem?”(12/04/1949), a seguinte pergunta foi feita: Quando penso no Morro Santana, penso em quê? Qual imagem, som, comida, cheiro, lugar, pessoa, vem à sua cabeça? Que emoções, lembranças desencadeiam em cada um de nós? Assim, começamos a construir as referências que abordavam a relação dos moradores com o espaço urbano, as relações de afetividade, desvelando a cultura que era própria daquele lugar. Buscamos saber que emoções e lembranças o bairro desencadeava em cada um dos participantes.

Mesmo sendo “discriminação” uma das primeiras palavras ditas pelo grupo, identificamos as diversas referências culturais locais, muitas delas imperceptíveis para o não morador do bairro. No final, ficou clara a necessidade de relacionarmos patrimônio, em todas as suas dimensões, para que começasse a fazer sentido ao grupo. Afinal, patrimônio é o termo que a comunidade utiliza para denominar o IPHAN, e não o termo utilizado para designar o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedade da nação, ou seja, do conjunto de todos os cidadãos. Desse modo, nossa tarefa foi a de levá-los a fazer os próprios caminhos, a descobrir novas formas de ver, de ouvir, de sentir, de perceber, a ousar pensar diferente sobre aquele lugar.

Chegamos onde pretendíamos, trabalhar a Ouro Preto por trás dos monumentos. A partir das informações trazidas pelos participantes, estruturamos o roteiro sensorial do Morro Santana, estimulando um olhar diferenciado, um jeito de se “reconhecerem” no bairro, utilizando as referências culturais do próprio lugar por eles identificados. Nesse momento, os conceitos de bem cultural e referência cultural serviram de instrumentos para começarmos a entender esse lugar, pois ressalta o processo de produção e reprodução de um determinado grupo social e aponta para a existência de um universo simbólico compartilhado (SANTOS, 2006).

O roteiro formatado, ao contrário do que achávamos, não foi utilizado pelos professores com seus alunos. Na prática, as reflexões originárias desse exercício tiveram reflexo no cotidiano da escola, quando alguns professores escolheram trabalhar com os bens culturais locais, utilizando-os como um vínculo pessoal e comunitário (MENEZES, 2010). Com isso, além das Capelas de Santana e de São João, bens tombados isoladamente e sempre retratados como referência do bairro, identificaram: a Fanfarra da Escola Municipal Professora Juventina Drummond, a Bica do Córrego Seco, o Bar do Baú, o Centro Espírita Auta de Souza, além das benzedeadas, artesãs etc., definidos pelos participantes no decorrer da oficina. Ao atribuírem sentido a essas referências culturais, permitiram associar elementos e acontecimentos da realidade social concreta, constituindo o próprio sentido da sua identidade social (SANTOS, 2006).

Em agosto de 2011, a escola escolheu o projeto para representá-la nas festividades municipais do dia 7 de setembro, ocorrido na Praça Tiradentes, centro cívico de Ouro Preto. Em reunião com os professores, foram definidos os bens culturais que iriam representar o bairro no evento. Cada turma ficou responsável por um desses bens e a forma de apresentá-lo à cidade. Destacamos, nessa ação, que a princípio seria efêmera, os desdobramentos motivados na comunidade escolar. Ao levarem para a Praça Tiradentes, os bens culturais do Morro Santana, foi como se tivessem levado o bairro para o centro histórico, incluindo-o nesse lugar.

Um dos bens representados no desfile, a Bica do Córrego Seco²³, em função do seu estado de abandono e sujeira do entorno, motivou, na comunidade escolar, um movimento para a sua limpeza e recuperação. A primeira ação definida foi o agendamento de uma reunião com a presidência da Câmara Municipal de Ouro Preto para solicitar providências para esse caso. Os desdobramentos dessa ação merecem um pouco mais de atenção.

Após a reunião com a presidência da Câmara Municipal, realizamos visita técnica ao local, com vereadores, equipe da Prefeitura e comunidade. O intuito desse encontro era darmos início ao planejamento de ações para revitalização do local. Na escola, a Bica do Córrego Seco foi o tema escolhido para ser desenvolvido pelos alunos

²³ Situada numa das nascentes do Córrego Seco, no Morro Santana, era utilizada pelas lavadeiras do bairro para lavar as roupas da família e dos fregueses, moradores de outros bairros da cidade.

do 1º ano do Ensino Fundamental, que fizeram entrevistas com os moradores do bairro para saberem mais sobre a história da Bica, foram à casa de algumas lavadeiras, a fim de entenderem como esse trabalho era realizado e saíram pelo bairro, convidando os moradores para participarem do mutirão de limpeza da bica.

A comunidade escolar (professores, alunos e moradores do bairro) se reuniu com representantes da associação de bairro para planejarem o mutirão de limpeza. A Casa do Patrimônio de Ouro Preto, através das instituições parceiras, contatou o Grupo Mambembe – Música e Teatro Itinerante²⁴, que programou a realização de um espetáculo no bairro, no dia do mutirão. Para tal, o grupo iniciou oficinas de iniciação ao teatro e à música no Juventina, atividade que antecede suas apresentações e que foi oferecida aos alunos do 1º ao 5º ano da escola. O Carro Biblioteca da UFOP²⁵ também foi contatado, programando uma visita ao bairro no dia do mutirão.

Contatamos, ainda, estudantes do curso de Arquitetura da UFOP para que, durante o mutirão, fizessem uma pesquisa junto à comunidade local para saberem quais os desejos desses moradores para revitalização da Bica. Dessa pesquisa, surgiu a solicitação para a construção, no local, de uma praça com brinquedos infantis e um memorial das lavadeiras. Um projeto arquitetônico foi elaborado, e o apresentamos à comunidade em reunião convocada pela Associação de Moradores do Morro Santana que, após sua aprovação, foi detalhado e encaminhado aos órgãos municipais competentes e hoje se encontra na Secretaria Municipal de Obras, esperando recursos para sua execução.

No dia 22 de novembro de 2011, realizamos o mutirão de limpeza na Bica do Córrego Seco e seu entorno. As atividades se iniciaram às 8 horas, contando com a participação dos parceiros da Casa do Patrimônio de Ouro Preto e da comunidade escolar. Brincadeiras, apresentação teatral, Carro Biblioteca da UFOP, entrevistas com as antigas lavadeiras do Morro integraram as atividades realizadas. Com participação efetiva da comunidade local, vários caminhões de lixo foram recolhidos da região e a apresentação do espetáculo, “O cavaleiro inexistente”, uma adaptação da obra de Ítalo Calvino, encerrou, às 13 horas, as atividades do dia.

²⁴ Projeto de Extensão da UFOP, cujo objetivo é, na interlocução entre Artes Cênicas e Música, leva manifestações artísticas e oficinas às comunidades de Ouro Preto e região.

²⁵ Programa de extensão da UFOP, cujo objetivo é possibilitar à população ouro-pretana e local, o acesso ao universo dos livros, à literatura e a atividades culturais diversas (http://www.ufop.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7482&Itemid=196).

Ao desenvolvermos estratégias de trabalhos coletivos, que partiram de uma demanda desse grupo motivadas pelas ações educativas ali realizadas, os caminhos desenvolvidos foram frutos das negociações dessa comunidade. As atividades realizadas trabalharam com as potencialidades daquela comunidade e esse reconhecimento vem fortalecendo a cada dia o sentimento de identidade local, criando mecanismos para que essa comunidade busque alternativas para melhorar sua qualidade de vida. A comunidade se sentiu capaz de dialogar com o Estado para, juntamente com ele, criar condições de garantir os seus direitos, exercendo plenamente sua cidadania. O trabalho utilizando as referências culturais das comunidades envolvidas apontou de forma individual e/ou coletiva, estratégias para a transformação dos sujeitos nelas envolvidos, fortalecendo o cidadão que, ciente do seu papel na comunidade, se colocou como ator principal nessa cena.

6. O audiovisual, as novas mídias e a educação patrimonial

Durante a Oficina para Capacitação em Educação Patrimonial e Fomento a Projetos Culturais nas Casas do Patrimônio, ocorrida em Pirenópolis/GO, em 2008, o audiovisual foi reforçado como um potente instrumento para trabalhar os conceitos de educação patrimonial de forma mais dinâmica e dialógica. Começamos a trabalhar, efetivamente nessa área, com o início de nossa parceria com a *Base Criativa – Laboratório Patrimônio/UFOP*. Assim, planejamos o Laboratório Patrimônio para desenvolver suas atividades atreladas as ações do Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania/ Casa do Patrimônio de Ouro Preto.

A Base Criativa – Laboratório Patrimônio começou suas atividades, no Juventina, através do Projeto “Sou do Morro, eu também sou patrimônio”. Oferecemos em setembro de 2010, a Oficina “*Despertar o Olhar*”, realizada com os alunos do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental e que teve como resultado, a produção de um curta-metragem sobre as atividades realizadas durante a oficina. O mesmo trabalho foi concretizado com alunos da Escola Municipal Dr. Pedrosa, localizada no distrito de Santo Antônio do Leite.



Utilizando as redes sociais desde o começo de nosso trabalho, em 2009, além do blog e de uma página no Orkut, criamos contas no Twitter e no Facebook.²⁶ Esses canais divulgaram informações referentes ao programa e assuntos ligados à cultura, patrimônio e memória que estavam sendo veiculados nos sites e no blog do IPHAN e dos nossos parceiros institucionais, incluindo também os blogs da Rede de Casas do Patrimônio.

O audiovisual se tornou um importante instrumento em nossas ações, com a produção documental não ficcional e também com produções mistas, para trabalharmos a temática da educação patrimonial. Em 2011, retomamos as ações da Base Criativa – Laboratório Patrimônio, através da realização da Residência Criativa Audiovisual, com os orientadores do Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania. Nela, buscamos ampliar o olhar dos participantes sobre os roteiros sensoriais, possibilitando a imersão do grupo sobre o tema e permitindo uma visão crítica e reflexiva sobre tal. Seus resultados estão disponibilizados em nosso canal do YouTube.²⁷

Em maio de 2011, oferecemos aos alunos do Juventina uma oficina avançada de audiovisual, retomando as atividades da Base Criativa – Laboratório Patrimônio na escola. Nessa oficina, apresentamos de maneira mais completa o universo audiovisual, especificando as etapas de feitura de um filme. O protagonismo juvenil foi um dos aspectos explorados durante o desenvolvimento da oficina, através da preocupação com o processo de feitura e o envolvimento do grupo nas atividades propostas, não sendo a qualidade do produto final o principal objetivo do trabalho.

A concepção da série em audiovisual “Eu também sou patrimônio” foi outra ação desenvolvida, realizada em conjunto com a TV UFOP, com o intuito de identificarmos e focarmos pessoas que, devido às suas histórias de vida e fazeres, tornaram-se parte integrante do patrimônio de Ouro Preto. Cinco programas foram produzidos experimentalmente, mas apenas dois foram finalizados: “Eu também sou patrimônio – Antônio”²⁸ e “Eu também sou patrimônio – Damião”²⁹.

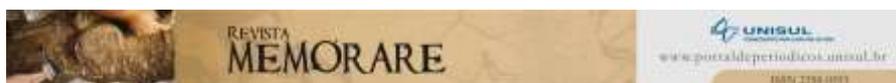
Durante o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana – Fórum das Artes 2011 concebemos, e desenvolvemos, a série audiovisual “Olhares”. Fruto da parceria

²⁶Blog: <http://programasentidosurbanos.blogspot.com>; Twitter: <http://twitter.com/sentidosurbanos>; Facebook: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100001480366392>.

²⁷Canal no YouTube: <http://www.youtube.com/SentidosUrbanos>.

²⁸Para assistir ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=qaSK05ZcLro>.

²⁹ Para assistir ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=VS8kub05-vE>.



entre a Casa do Patrimônio de Ouro Preto, da TV Casa Grande da Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe /CE e da TV UFOP. Para essa ação, contamos com participação de dois integrantes da oficina avançada de audiovisual realizada no Juventina. Foram seis programas de cinco minutos de duração, produzidos durante o período de 8 a 24 de julho de 2011, apresentados nos telões do palco principal do Festival. O protagonismo juvenil foi o propósito maior desse trabalho. A peculiaridade deste processo foi demonstrada a partir da linguagem lúdica e despojada com a qual os vídeos foram criados.

Repetimos essa parceria durante o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana – Fórum das Artes 2012, no qual desenvolvemos a continuação da série audiovisual “Olhares” e contamos com a participação de quatro integrantes da oficina avançada de audiovisual realizada no Juventina. As atividades ocorreram entre 13 e 20 de julho de 2012, sendo finalizados três vídeos de seis minutos cada, que, além de serem apresentados nos telões do palco principal do Festival, passaram a integrar a grade de programação da TV UFOP.³⁰

O audiovisual e as redes sociais nos mostraram novas formas de abordarmos e trabalharmos com educação patrimonial, principalmente com jovens e adolescentes, que recortaram as ruas e praças da cidade de maneiras diferentes e, habitando um mesmo contexto cultural, foram criadores e vivenciadores diferenciais dele. Oferecemos aos participantes diferentes formas de se relacionar com o ambiente que os envolve, trabalhando com o protagonismo juvenil, o fortalecimento da identidade cultural e das referências culturais, ampliando o olhar sobre o seu lugar, Morro Santana e Ouro Preto, sua cidade.

Ao utilizarmos o audiovisual e as redes sociais trouxemos dinamismo e frescor ao tema e nossas ações começaram a ganhar proporções não previstas. Alcançamos, no final do primeiro ano de atividades, mais de 13.432 participantes, devido aos acessos as redes sociais e ao canal do YouTube. Mesmo com as atividades da Base Criativa paralisadas desde o final de 2012, continuamos a alimentar nosso blog que, atualmente, já contabiliza mais de 34.800 visualizações.

O audiovisual se apresentou positivamente como recurso para trabalharmos, com os jovens, ações de Educação Patrimonial, nos apontando estratégias para a

³⁰ Canal do YouTube da TV UFOP: <https://www.youtube.com/user/tvufop/videos>

transformação desses sujeitos envolvidos, fortalecendo-os como cidadãos que, cientes do seu papel na comunidade, se colocam como ator principal nessa cena. Ao considerarmos o papel das referências culturais nessas atividades, passamos a considerá-los instrumentos para a afirmação de alteridade e de vínculos de identidade e pertencimento e para a valorização da diversidade sociocultural existente na cidade.

7. Considerações Finais

O primeiro contato com a comunidade do bairro Morro Santana marcou e determinou o caminho que perseguimos no trabalho junto ao Juventina e iniciaram as minhas inquietações ao longo desses anos de trabalho contínuo na escola.

Percebemos, após a leitura do livro de Zuenir Ventura, *Cidade Partida*, que tínhamos, em Ouro Preto, uma cidade partida entre o “centro histórico”, núcleo colonial original, e os bairros de entorno, a periferia. Fazendo uma analogia ao livro, seria essa uma forma para tentarmos entender essa cidade, esse lugar?

No livro, uma crônica sobre a cidade do Rio de Janeiro, Zuenir relatou o campo de batalha em que se transformou a cidade no início dos anos 90 do século XX. Cidade dividida, em que o *apartheid* social provocou uma série de batalhas travadas entre o asfalto e o morro. Em Ouro Preto, percebemos que existe um *apartheid* cultural ou patrimonial que traz como consequências, a baixa estima dos moradores dos morros que, por vergonha de morarem em áreas e casas onde não são atribuídas a beleza e antiguidade das casas da cidade do centro histórico, da cidade colonial, não se sentem como parte desta cidade, sentimento de exclusão produzido também pelo "abandono" do poder público em relação a estas áreas.

Existe uma hierarquização social e uma hierarquização do espaço urbano, que são acionadas em alguns momentos. Entendermos esses espaços nos possibilitará entender esse lugar: Morro Santana, em Ouro Preto. Lugar aqui entendido como sendo a manifestação do encontro de muitas outras heranças e de acontecimentos em curso, construído a partir de relações sociais que se encontram e se entrelaçam, e se articulam, não possuindo identidades únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos (MASSEY, 2000).

Um dos nossos focos de atuação durante esses anos, no Juventina, foi o professor. Seus relatos são os olhos que estão nos permitindo ver e compreender melhor essa relação do Morro Santana com a cidade Ouro Preto. Ouvimos os professores, para tentar entender sua relação com a escola, o bairro, a cidade, e o trabalho. Essas narrativas nos propiciaram construirmos uma teia de olhares diferentes, para enxergarmos esses professores sobre diversos ângulos. A força da imagem da “cidade patrimônio”, da “cidade fotogênica”, nos mostra como eles vêem a cidade de Ouro Preto e vivenciam cotidianamente o Morro Santana, mantendo uma relação de afeto com esse lugar. Afeto, nesse caso, não apenas relacionado a um sentimento de amor, simpatia, mas, ao se afetar com, ao se interessar por (FERREIRA, 2000). Sentimentos que nos mostram o quão complexo é essa relação, que não deve ser dissociada ao pensarmos/planejarmos qualquer ação educativa em uma escola.

Desde junho de 2010, nos propusemos a descobrir juntos com os professores e alunos, os vários lugares que compõem o Morro Santana e que integram a cidade de Ouro Preto. Durante as atividades realizadas pelo Projeto “Sou do Morro, eu também sou patrimônio (Casa do Patrimônio de Ouro Preto), os desdobramentos originados dessa troca vêm, ao longo desses anos, se frutificando. Nossa percepção da cidade vem se alterando com o desenrolar das ações educativas realizadas no Juventina.

Como base para a realização das ações educativas, efetivadas pela Casa do Patrimônio de Ouro Preto e pelo Programa Sentidos Urbanos, trouxemos a teoria da complexidade de Edgar Morin, que denomina o pensamento complexo como o pensamento do abraço, uma visão de mundo da complementaridade, do entrelaçamento, para nos auxiliar. Também nos apoiamos no pensamento de Rubem Alves que diz que “nossos sentidos – visão, audição, olfato, tato, gosto – são todos órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele” (ALVES, 2010, p. 20). Atribuímos sentidos às nossas referências culturais, permitindo associar elementos e acontecimentos da realidade social concreta, constituindo o próprio sentido da sua identidade social (SANTOS, 2006).

Por mais que seja papel da instituição preservar o patrimônio cultural ouropretano já consagrado, o conceito de educação patrimonial propagado pela Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC)/IPHAN, que o considera como um tema de trabalho transversal e proposta política, nos possibilitou sairmos do foco dos

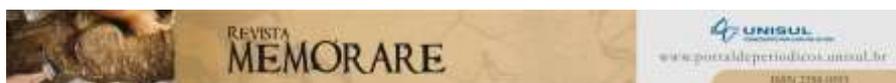
monumentos e passarmos a focar as pessoas e suas referências culturais e o olhar que essas pessoas trazem das coisas que as tocam e as afetam. Buscamos centrar nossas atenções nas relações sociais e afetivas estabelecidas com a cidade, com os vários lugares que a compõem e com as pessoas que nela habitam, vivem e convivem, que a usam, conferindo distintos significados, simbologias e afetividades.

Para finalizar, trago a experiência de duas jovens, nascidas e criadas no Morro Santana e hoje com 18 e 20 anos, respectivamente, que participaram de todas as ações de audiovisual oferecidas pelo Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania. Procuramos saber quais teriam sido as consequências desse trabalho em suas vidas. Primeiro, disseram que, no início, tinham vergonha de dizer onde moravam, percebiam o bairro muito discriminado, desvalorizado, um lugar onde as pessoas tinham medo de ir. A partir das atividades do projeto, o que ficou marcado foi a possibilidade de um novo olhar sobre o bairro e para a vida, sendo que hoje elas têm coragem de ousar.

Em 2014, a Casa do Patrimônio de Ouro Preto recebeu duas vagas para uma oficina que aconteceria durante o Festival “Fotógrafos em Ouro Preto” – Oficina ND | Novas possibilidades narrativas³¹. Oferecemos estas vagas às jovens anteriormente citadas em função do interesse e disponibilidade que manifestavam e lá elas puderam realizar um vídeo. No texto de apresentação do vídeo proposto e executado por elas durante a oficina, conseguimos perfeitamente perceber um tipo de resultado do trabalho educativo realizado pela Casa do Patrimônio de Ouro Preto

AS CIDADES NA CIDADE - Você pode não me ver, mas eu estou aqui – Ouro Preto é uma cidade bonita, eu sei. Mas é mais bonita daqui do Morro. Aqui tem liberdade, tem tranquilidade, tem cheiro de café de vó. Tem histórias. Histórias de gente, não de prédios. Às vezes, no centro, sou atropelada por pessoas que fotografam tudo. A igreja, o museu, a praça. Não enxergam quem está atrás do balcão. Às vezes, acho que não me enxergam. Mas eu estou aqui (Texto que compõe a revista eletrônica e apresenta o Vídeo “Barraco Barroco”, produzido pelas jovens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=onIkrepGR94>).

³¹ A Oficina ND | Novas possibilidades narrativas foram realizadas durante o Festival Fotógrafos em Ouro Preto, de 6 a 10 de agosto de 2014, e oferecida para estudantes, artistas visuais, comunicadores e profissionais ligados à imagem. Nessa, os participantes foram convidados a discutir, produzir e apresentar histórias visuais dentro da temática "ambiguidade", percorrendo as ladeiras da cidade histórica de Ouro Preto para revelar seus personagens e relações de duplicidade. O resultado desse trabalho foi uma publicação impressa e digital, que representou o trabalho de oficinas de produção de conteúdo. Para a versão digital, acessar: wsnd.com.br/04 (<http://fotografosemouropreto.com.br/blog/nd-novas-possibilidades-narrativas-2><http://www.resumofotografico.com/2014/08/agencia-nitro-lanca-nova-edicao-da-revista-nd-em-ouro-preto.html>)



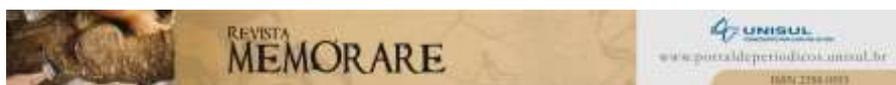
Esse texto aponta claramente uma das consequências das ações preservacionistas calcadas em critérios de valoração dos bens materiais entendidos em sua monumentalidade histórica e artística, que destacam parte da cidade e tornam invisível a outra parte e seus moradores. Por mais que a Constituição de 1988 tenha trazido avanços no campo do patrimônio, com a ampliação do poder declaratório de patrimônio cultural nacional, em que o Estado e a sociedade passam a ter o papel de atribuição desse valor cultural, pouco se percebe desta nova perspectiva, em muitos aspectos da atuação dos órgãos preservacionistas. No caso do IPHAN, as mudanças no texto constitucional vêm sendo incorporadas lentamente, na tentativa expressa de maior aproximação com a sociedade e uma escuta mais sensível ao que representa, de fato, o patrimônio cultural brasileiro (MENEZES, 2010). Rever o entendimento de como preservar o que já está tombado, como salvaguardar a vida no interior de espaços tombados, como cuidar da qualidade da vida, preservar a diversidade, dialogar com o outro são alguns de nossos maiores desafios.

Esses novos paradigmas estão contemplados, de alguma forma, nas diretrizes que a CEDUC vem tentando construir de forma participativa, nas definições do papel da educação patrimonial e na tentativa de ultrapassá-la como atividade complementar para ser encarada como atividade finalística e transversal dentro das demais ações que o IPHAN executa. Nosso maior desafio é realizar ações educativas nas quais a comunidade se sinta acolhida e estimulada a dizer o que pensa, passando a se sentir comprometida com a busca de soluções para os problemas existentes. Enquanto isso não se traduz em uma política/atitude concreta permanece a dúvida: será que estamos preparados para lidar com grupos sociais ativos e protagonistas que desejam ser autores/donos de sua história, memória, patrimônios?

Referências

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** 6ª ed. Campinas, SP: Verus, 2010.

BEZERRA, Juliana et al. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília, DF: IPHAN. DAF. COGEDIP. CEDUC, 2014.



BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. **O difícil espelho**: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN, DEPRON, 1996.

COSTA, Janice Pereira da. **Ensinando a ser cidadão**: memória nacional, história e poder no Museu da Inconfidência (1938-1990). Dissertação (Mestrado). -- Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Chão de pedras, céu de estrelas**: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, década de 1980. Dissertação (Mestrado). -- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.

FERNANDES, Simone Monteiro Silvestre (Org.). **Sentidos Urbanos**: patrimônio e cidadania. Brasília: IPHAN, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1ªed., 14ª imp. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 65-83, jul./dez. 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas e patrimônio. In: **Patrimônio Imaterial**: o Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4ª ed., 2006, p. 85-96.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

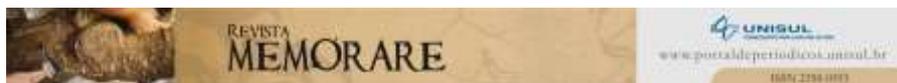
HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

JEKER, Ana Elizabeth; SEGALA, Lygia. **Brincando, fazendo e aprendendo**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras; Brasília: FNDE, 1985.

MALTA, Eder. **Identidades e práticas culturais juvenis**: as repúblicas estudantis de Ouro Preto Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010. São Cristóvão, 2010.

MASSEY, Doreen . Um sentido Global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papius, 2000. p. 177-184.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1,2010. **Conferência magna**. Brasília: IPHAN, 2010. p. 25-39.



MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. **Educação patrimonial no Iphan**. [Brasília, DF] 2011. 131p., 210x297mm (CGE/DFR/ENAP, Gestão Pública, 2011) - Monografia de Especialização – Escola Nacional de Administração Pública/Diretoria de Formação Profissional.

RICUPERO, Marisa P.; TAPAJÓS, Ana M. **Identidade cultural: cultura e desenvolvimento: bem cultural na palavra de Aloísio Magalhães**. Brasília, 29/05/1981. [Arquivo Pessoal de João Tadeu Gonçalves].

SANTOS, Mariza Veloso Motta. **O Fetiche do Patrimônio**. *Habitus*, Goiânia, v.4, n.1, p.437-454, jan./jul., 2006.

SILVA, Patrícia Reis da. **A Postura da Municipalidade na Preservação do Patrimônio Cultural Urbano**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SIVIEIRO, Fernando. **Um mapa para outros fazeres: Territórios educativos e patrimônio cultural**. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural). - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2013. 187f.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

Submetido em: 24/10/2017. Aprovado em: 12/03/2017.

